

1ª REUNIÃO

Nossa Conquista: nossa Missão!

O nosso trabalho deste ano está focado em nosso Encontro Nacional! Aos poucos precisamos ir entendendo que este não é mais um encontro, como tantos outros que participamos na Jufem.

Em 2006 comemoramos o Jubileu de 10 anos da descoberta de nosso Ideal Nacional. Esta foi uma grande conquista para a nossa Juventude Feminina, certamente muitas de nós ou quase todas nem estávamos na Jufem, e por isso não participamos desta hora de graças... mas a Mãe de Deus pede a nossa colaboração para que continuemos a escrever esta história!

Somos herdeiras de um grande passado: desde o início nossa Juventude de Schoenstatt aspira aos mais altos ideais, nossa história é como uma corrente em que os fatos vão se entrelaçando uns aos outros, o que torna sólida nossa aspiração.

Mas pensando em nossos locais, também temos uma história, que temos que guardar e levar a diante para as futuras gerações... o primeiro grupo de Jufem, as primeiras consagradas; será que já paramos para pensar na bela história que outras meninas também deixaram para nós!

Somos portadoras de uma grande missão: cabe a cada jovem assumir dentro de si a missão. Queremos ser jovens livres, que se decidem livremente pelo Ideal, não por causa das amigas, ou pela simpatia com uma ou outra dirigente, mas porque **eu** encontrei em Schoenstatt o meu caminho de vida, minha identidade. Para que a missão da Jufem se concretize também em nível Nacional, é preciso que cada uma viva primeiro esta missão, experimente-a na sua vida.

E queremos ser construtoras de um futuro grandioso para as próximas gerações! O que será a Jufem dos próximos 10 anos? O que será de nosso Ideal, nossa missão?

Gostamos de cantar: "Surge no horizonte uma luz, sementes que se espalham pelo chão, contempla no Jardim novo florescer, nasce a nova geração..." as sementes já foram lançadas, e agora nossa RTA quer colher os frutos desta nova geração. Agora não basta olhar para a semente mas pensar na "árvore" que vai nascer! Nosso lema nos convida a sairmos e mostrarmos para este mundo tão vazio e sem ideais, que nós temos

a solução, que Schoenstatt pode ser a saída para muitas lutas que a sociedade enfrenta hoje. Quantas jovens buscam, e muitas vezes nem sabem o que estão buscando por aí, e nós temos a resposta para tantas interrogações... e o que estamos fazendo... é hora de descruzar os braços e dar tudo por nossa missão!

Mas ela começa em cada uma de nós que somos Jufem hoje, para passarmos adiante um Ideal intacto, elevado... queremos ser heróicas, para que surjam santas em nossas fileiras: “que as gerações futuras nos julguem, será que atingiremos o nosso objetivo?” (Primeiro Doc. de Fundação)

Sabemos qual a importância da nossa missão para o mundo de hoje, assim nos diz nosso Pai e Fundador:

“A missão da Juventude Feminina é se auto-educar com o compromisso de formar uma nova jovem que seja autêntica, com profundidade nos valores e vínculos à Mãe e ao Pai Fundador, com base na pedagogia de Schoenstatt. Com sacrifício e alegria, pelo Santuário, se comprometer com o pulsar da Igreja, motivadas a levar o estilo de vida schoenstattiano ao mundo.”

Somos chamadas a representar no mundo um “Canteiro de Lírios” , mas isso não deve ser uma frase bonita ou até “romântica” , que nos deixa acomodadas em nosso mundo, mas que gere comprometimento, que nos faça ver quão necessitado está o mundo e a sociedade, de jovens puras e autênticas. Queremos ajudar nossa Rainha a resgatar a dignidade feminina. Mas por que?

- ♥ Por causa da banalização dos valores femininos, que fazem com que a mulher muitas vezes perca seu “Eterno Feminino” , tornando-se um objeto e se afastando do mais elevado.
- ♥ Por causa do esquecimento do seu verdadeiro valor. Quando a mulher quis ser independente, tendo os mesmos direitos que o homem, se igualando ou até se rebaixando a ele, usando de sua beleza e outras capacidades para conseguir espaço na mídia, no mercado de trabalho, etc....

Conhecemos a beleza de Maria, e como ainda estamos distantes de representar sua imagem no mundo!

Mas não queremos e nem podemos desistir!

“Nosso ideal merece mais do que os sacrifícios que ele exige de nós!”.

Nosso país é muito grande, e sabemos que as distâncias podem dificultar o nosso trabalho muitas vezes, mas nosso Encontro Nacional, quer nos abrir para uma nova realidade:

Nós estamos aqui, com este anseio e com esta grande tarefa em nossas mãos! Mas não estamos sozinhas, do outro lado do mapa há uma jovem que como eu aspira a ser: Lírio do Pai, Tabor para o mundo! – aos poucos precisamos “pulverizar” nosso Brasil, as jovens ao nosso redor com o “estilo de vida” para que se possa tornar realidade as palavras de nosso Pai e Fundador:

“Cuidaremos que não somente nossa pequena família, mas o Brasil todo, sim grande parte do mundo – até podemos crer que o mundo inteiro, um dia se tornará Tabor de nossa Mãe e Rainha de Schoenstatt.” (31/05/1967)

O que a Mãe espera de nós para o Nacional?

O que a Mãe espera de mim para o Nacional?

Pode parecer um jogo de palavras, mas nossa Mãe espera TUDO de nós, menos que isso não podemos oferecer... precisamos conquistar nossa herança, para poder possuí-la, nossa herança, é um passado de heróis que aos poucos vão ficando sempre mais longe de nós... precisamos de heroínas hoje! “ ... o máximo a de ser a meta de nossa mais elevada aspiração!”

Tudo pela missão, Mãe envia-me!

2ª REUNIÃO

Maria, o perfeito modelo do ideal “Lírio do Pai, Tabor para o mundo”

“Caríssimos jovens! Olhai para Maria! Amai Maria! Imitai Maria!” .

(Palavras do Papa João Paulo II aos jovens, à sombra do santuário de Pompéia, na Itália.)

A imagem de Maria como exemplo e modelo de santidade tem seu início nas primeiras páginas da Sagrada Escritura. Logo após o pecado, Deus se dirige a serpente e faz sua promessa de redenção. Neste momento a Eva abre espaço para a Ave, que juntamente com Cristo o novo Adão, irão esmagar a cabeça da serpente!(Gen.3-15, 17)

A Mãe de Deus se tornou a partir deste momento o modelo do verdadeiro ser feminino. Eva quis ser como Deus, a Ave quis servir a Deus, é o que se testemunha mais tarde na hora da anunciação. Em todos os Santuários de Schoenstatt a Mãe de Deus diariamente se apresenta como a corporificação do Ideal da Mulher, ela não é somente o exemplo, mas também a **educadora da nova mulher!**

Pela Aliança de Amor ela assume a responsabilidade de diariamente afastar de nós o mal da culpa do pecado e fazer nascer a imagem ideal que Deus tem de cada uma de nós: ***Lírio do Pai, Tabor para o mundo!***

A Dignidade e Nobreza da Mulher como Espelho de Maria

O confronto Eva-Maria retorna constantemente no curso da reflexão sobre a história da salvação. Neste paralelo Ave X Eva, surge à primeira vista uma contraposição. *Eva*, como “mãe de todos os viventes” (*Gên 3, 20*), é *testemunha do “princípio” bíblico*, no qual estão contidas as verdades sobre a criação do homem à imagem e semelhança de Deus e sobre o pecado original. Por outro lado, *Maria* é *testemunha do novo “princípio”* e da “nova criatura” (cf. *2 Cor 5, 17*). Ela mesma é a primeira redimida na história da salvação, é a “nova criatura” , a “cheia de graça” .

Maria significa, em certo sentido, retornar ao “princípio” no qual se encontra a “mulher” tal como foi concebida na *criação*, no seio da Santíssima Trindade. Maria é o “novo princípio” da *dignidade e da vocação da mulher*, de todas e de cada uma das mulheres. As palavras de Maria dirigidas a Isabel: “grandes coisas fez em mim o Todo-poderoso” (Lc 1, 49) se referem não só à concepção do Filho, mas também a *descoberta da própria humanidade feminina*.

Esta é a descoberta de toda a riqueza, de todos os recursos pessoais da feminilidade, de toda a eterna originalidade da “mulher”, assim como Deus a quis, pessoa por si mesma, e que se encontra contemporaneamente “por um dom sincero de Si mesma” .

Em Maria, Eva redescobre qual é a verdadeira dignidade da mulher, da humanidade feminina. Tal descoberta deve chegar continuamente ao coração de cada mulher e plasmar a sua vocação e a sua vida. Por isso ela se torna nosso espelho, pois na imagem de Maria vemos refletida a imagem de cada mulher.

A Filialidade é o traço fundamental da dignidade da Mulher, em Maria.

O modelo novo de mulher que há séculos ansiamos e hoje, mais do que nunca buscamos, temos na pessoa da Mãe de Deus, modelo do ser feminino. Pe. Kentenich apresenta-nos sua imagem:

“A figura da Imaculada brilha aos nossos olhos como a salvadora da dignidade feminina... Ela expressa o ideal da natureza íntegra” . Ela representa a “concepção original” , o modelo ideal que Deus teve ao criar a mulher do paraíso. “Quanto mais nos inclinamos ante a ‘bendita entre as mulheres’ , tanto mais descobriremos o que Deus espera de nós, como mulheres.” ¹

Em nosso Ideal vemos que a figura do Lírio do Pai, é o da filha muito amada, que em tudo faz a vontade do Pai e da Mãe de Deus. Esta atitude filial, deve ser conquistada, ela deve ser fruto de um sério reconhecimento próprio: sou filha!

A Mãe de Deus não possuía apenas um extraordinário **ser** filial, mas também uma **atitude** filial sem igual. Viveu sempre na consciência profunda de ser criatura dependente do Criador. O que caracteriza toda a sua vida é esta atitude serviçal-filial, como a vemos tão bem expressa na cena da Anunciação: ela não diz “eu quero” , mas responde de forma feminina: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” .

¹ (Pe. José Kentenich)

A dependência e pequenez da filha do Pai indicam-nos o caminho para a vivência de nossa filialidade. Devemos, antes de tudo, ser a serva do Senhor para depois servir o Senhor nos irmãos. Ele espera que nos tornemos filhas de uma grande confiança em seu poder de Pai. Justamente neste sentido, Maria é nosso modelo luminoso, porque passou por horas de sofrimento e dor. Sua atitude filial não questionava o querer do Pai, mesmo que neste plano ela precisasse estar aos pés da cruz. No entanto, sua fé e confiança não esmoreceram. Ela creu, porque era filha.

A filialidade pode ser considerada como a raiz de toda a dignidade feminina porque nos dá consciência que Deus nos ama e, com ela, um sentimento nobre de vida, abrindo o nosso coração para o grande, belo e puro. Hoje, mais do que nunca, precisamos nos convencer da grande realidade: sou filha de Deus, trago em mim o céu.

Precisamos estar bem conscientes de nossa missão como mulheres hoje! Será que sabemos esta importância? Reflitamos sobre a mensagem de São Paulo: **“Não sabeis que sois templos de Deus e que o Espírito Santo habita em vós?”** (ICor 3, 16)

Corpo e alma formam uma unidade, reagem reciprocamente. Tudo que é realizado pelo corpo é, em última análise, expressão de nossa alma. Através do corpo a alma expressa a riqueza interna da pessoa, sua alegria, sua pureza, sua afeição e sua simpatia.

“Regiamente nobre, delicado como o da grande Senhora dos lírios, deve tornar-se todo o meu ser. A delicadeza do meu semblante, do vestuário, cada movimento do corpo deve irradiar beleza e encanto” .

Sabemos como São Francisco de Sales dominava constantemente os membros do seu corpo e todo o seu comportamento irradiava nobreza, também quando estava sozinho.

“O olhar não deve apresentar nenhum traço menos nobre, é todo puro, cheio de luz. Em toda a pessoa, quer se pense na face ou na atitude do corpo, nada se inclina ao puramente terreno, cada movimento, cada passo, cada respiração deve proclamar: Sou uma princesa nobre de uma Rainha nobre!”

Conclusão

Aplicando a nossa vida, vemos que nosso Ideal exige de nós uma certa postura. Ser Juventude Feminina, é representar para a sociedade de hoje uma jovem diferente, que “nada contra a corrente” , que segue a moda mas não é escravizada por ela, que domina seus impulsos. Como tem sido minhas atitudes como Jufem? Meus modos, minhas roupas, meu olhar, irradiam a pessoa e a pureza da Mãe de Deus?

Isto não se encaixa somente no sentido do nosso ser lírial, mas é expressão daquilo que queremos irradiar para as pessoas. Meu comportamento determina se sou um Tabor vivo de Schoenstatt ou se espalho por ai somente uma “capa” bonita sem nenhum conteúdo!

Em nossa sociedade vemos hoje o ser feminino tão desvalorizado e desmoralizado, a dignidade da mulher se esvai, e muitas vezes somos indiferentes a esta realidade que passa ante nossos olhos a todo o momento. Na televisão, na Internet e mesmo em nosso dia-a-dia, no trabalho, nas festas, na Igreja nos tornamos cegas querendo não ver o que acontece.

É fácil ser Juventude Feminina consagrada a Mãe de Deus nos momentos em que o grupo está reunido, ou seja, torna-se simples ser diferente com nosso estilo de vida schoenstattiano sendo mais que uma em um determinado lugar, ou em um determinado momento onde estou com pessoas que pensam como eu. O complicado e o que se espera de uma Juventude que anseia por um ideal e almeja levar os jovens a uma vida santa, é viver este estilo de vida Mariano, sendo a pequena Maria em nosso cotidiano, onde estamos “sozinhas” , ou melhor, onde temos a melhor companhia, o modelo mais perfeito no qual podemos buscar as forças necessárias para enfrentar os desafios que o mundo nos apresenta. **Será que refletimos o que realmente somos, ou me adapto ao meu ambiente, sendo o que as pessoas querem que eu seja (relativismo)?**

Pe. Kentenich, ao falar sobre a dignidade feminina, gostava de fazê-lo partindo da imagem de uma árvore. A filialidade singela e simples é a raiz da grandeza feminina. O tronco a serviçalidade vigorosa e maternidade delicada. Os galhos e os frutos: são a veracidade intuitiva e o amor à verdade. Maria é exemplo como mulher em todos os sentidos. Como esposa, como mãe, como jovem. Se desejarmos ser mulheres nobres, resgatando a dignidade feminina, não temos modelo mais perfeito em quem nos espelhar.

“Se quiserem reconhecer mais profundamente toda a veracidade, devem meditar silenciosamente o Magnificat e ponderar o que ele nos diz” .(Pe. Kentenich).

Nele Maria retrata a veracidade ao reconhecer a sua pequenez e ao exaltar os dons que Deus lhe havia presenteado:

“Minha alma glorifica ao Senhor, meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador, porque olhou para a humildade da sua serva; por isso, desde agora, me chamarão bem-aventurada todas as gerações. O Senhor fez em mim maravilhas, santo é o seu nome” .(Lc 1, 47-49).

Através de Maria, Deus quis formar o vínculo entre a mulher e o plano da salvação. O pecado veio ao mundo por uma mulher, mas é também por uma mulher que veio ao mundo, o Redentor. Maria, por seu “Sim” , foi capaz de realizar em plenitude tudo aquilo que aspiramos: uma profunda atitude filial, e a partir daí é possível alcançar todas as características desejadas por Deus para a mulher.

Por causa dos puros que se sacrificam, Schoenstatt continuará a existir, pois foi fundado sobre o sacrifício dos puros. Somente por causa do sacrifício daqueles que dizem um “sim incondicional” , que não procuram mais a si mesmos, mas somente desejam cumprir a vontade de Deus, que não mais vivem para si, mas que são instrumentos de Deus, que se tornaram “outra Maria” , somente com estas pessoas poderá ser edificado um novo mundo! Por isso Jufem, é hora de viver o teu Ideal, ser Maria hoje, e não amanhã!

Tudo pela missão, Mãe envia-me!

3ª REUNIÃO

Contexto histórico do 31 de Maio de 1949

Em primeiro lugar queremos conhecer o que aconteceu no mundo, na Igreja e na Obra de Schoenstatt no ano de 1949

- *No mundo:* A humanidade vivia as consequências da segunda guerra mundial. As nações estavam se recuperando desta grande catástrofe que se fazia sentir em todos os setores da sociedade: social, moral, econômico e religioso. Diante das dificuldades

havia muita insegurança e um forte espírito de conquista na reconstrução da humanidade.

- *Na Igreja:* Neste período a Igreja era mais institucional, era vista como uma sociedade perfeita, tão bem organizada como qualquer país ou cidade. Diante das transformações do mundo, a Igreja permanecia indiferente e aos poucos foi perdendo sua influência e campo de atuação. Aumentava sempre mais a distância entre ela e a sociedade.
- *Na Obra de Schoenstatt:* Nosso Fundador havia retornado do Campo de concentração de Dachau onde havia experimentado em si mesmo as conseqüências da guerra, vivenciando a degradação do ser humano. Neste período de sua vida, constata que a Família de Schoenstatt precisava crescer no seguimento a Cristo.

Apresentação da Obra de Schoenstatt para a Igreja com suas conseqüências.

- Pe. Kentenich convicto de que através de Schoenstatt daria uma grande contribuição para a Igreja frente às correntes do tempo, percorre o mundo visitando sua fundação e anunciando sua missão mariana e apostólica. Ao mesmo tempo, se preocupava em apresentar a Obra para as autoridades da Igreja, para que recebesse sua bênção pela aprovação. Depois do Campo de Concentração, Pe. Kentenich, ao procurar o reconhecimento da Obra por parte da Igreja, não é compreendido, o que resulta em seu exílio de 14 anos nos Estados Unidos.

Como isto se desenvolveu?

De 2 a 10 de fevereiro de 1949, Dom Bernhard Stein, então bispo auxiliar de Treves (diocese da Alemanha a qual Schoenstatt pertence) realizou uma Visitação Apostólica à Família de Schoenstatt, cujo resultado trouxe conseqüências dolorosas para a Fundação e o Fundador.

Pe. Kentenich, que se encontrava no Uruguai, recebeu o relatório do bispo e percebeu, pelo relatório do visitador Apostólico, que ele reconhecera a fidelidade de Schoenstatt à Doutrina Católica, mas não compreendera aspectos essenciais da pedagogia schoenstattiana (pedagogia das vinculações – ex. relação das pessoas com o Fundador; pedagogia do ideal etc.). Nossa espiritualidade e pedagogia antecipavam a vivência da Igreja após o II Concílio do Vaticano. Ela se voltava para a realidade vivida e pelas inúmeras necessidades humanas causadas pelos avanços e mudanças na sociedade que entrou num processo de desenvolvimento até então desconhecidos. Sabemos que antes do Vaticano II, por exemplo, (1962-1965) a Igreja não reconhecia e aprovava o uso das novas ciências, como a psicologia, em sua ação pastoral.

O acontecimento do 31 de Maio

Pe. Kentenich se encontrava no Uruguai quando recebeu este relatório, no qual viu um sinal da Divina Providência para convidar a autoridade eclesial a um debate esclarecendo todas as dúvidas levantadas. Mas ao mesmo tempo, queria apresentar como a Igreja devia combater o pensar mecanicista do mundo que afastava Deus do ser humano. Ele viu que a fé estava cada vez mais enfraquecendo e que era necessário reformular as orientações pedagógicas e pastorais, que se mostravam incapazes de despertar o potencial do amor do coração humano para vinculá-lo a Deus.

“Trata-se de desvendar e de curar a raiz; o germe da doença de que o ocidente padece: a mentalidade mecanicista. Tenho motivos suficientes para admitir que, neste sentido, Deus colocou sobre os ombros da família uma pesada carga. A lei da porta aberta me convence disso. Lutas pessoais da juventude apontam na mesma direção. Fizera-me enfrentar duramente o que abala agora o ocidente em suas Raízes mais profundas. Com a doença, também experimentei o remédio em meu corpo. A missão inequívoca de Schoenstatt para o Ocidente e principalmente para a nossa Pátria diante do coletivismo que ataca impetuosamente e que reduz tudo a pó, está diante de um muro que só poderá ser rompido completamente se o mencionado ‘bacilo’ for vencido e afastado” . (Livro Pe. José Kentenich Uma vida pela Igreja, pág. 225)*

*Durante sua juventude, o Padre José Kentenich experimentou a mesma crise que atingia e ainda atinge o homem moderno.

É importante termos clareza sobre o que vem a ser o pensar mecânico... O pensar mecânico, como o próprio nome o indica, é um pensar que separa uma coisa da outra mecanicamente, fé e vida, ou seja, pensa-se e reza-se uma coisa e vive-se outra. Pensar orgânico ao contrário, une uma coisa à outra, a exemplo de nosso organismo, onde cada uma das partes é unida ao todo e funcionam em harmonia.

Assim ele começou em Nueva Helvecia, no Uruguai, a escrever uma carta resposta conhecida como **“Epístola Perlonga”**. Esta carta contém aproximadamente 400 pág. Ele continuou escrevendo outros trechos no Chile, na Argentina e no Brasil.

A primeira parte da carta resposta do Fundador ao Bispo foi colocada sobre o altar do Santuário de Bellavista em Santiago do Chile, no dia **31 de Maio de 1949**. Com este ato, nosso Pai e Fundador entregou, por assim dizer, todas as conseqüências que sua ousada carta poderia causar a si mesmo e a toda a Obra. Este dia se tornou o **terceiro marco histórico** (1º - 18.10.1914 Aliança de Amor; 2º - 20.1.1942 – Decisão para ir ao Campo de Concentração; 4º - Volta do Pe. Kentenich do Exílio no ano de 1965).

A segunda e terceira seguiram em junho e julho, respectivamente da Argentina e do Brasil. Esta herança traz consigo uma grande responsabilidade, como legado do próprio Fundador. O tema principal destas últimas partes foi a filialidade.

No último retiro de 1949 pregado para as Irmãs, retoma o tema sobre a FILIALIDADE HERÓICA. No final deste retiro em 20/08/1949 **coroa a Mãe de Deus** com este título, como expressão da sua confiança inabalável no poder sobrenatural.

Com esta coroação, Pe. Kentenich aponta a Filialidade Heróica como o “remédio” para a problemática do tempo, da Igreja, assim como de nossas vidas pessoais. Ele entrega tudo isto à Mãe de Deus repleto de confiança em seu poder.

“Pedimos-te novamente que aceites a coroa como expressão do pedido: cuida que todos os filhos de Schoenstatt recebam e conservem, até o fim dos tempos, a graça da Filialidade Heróica e, com ela, a garantia do elemento essencial de nossa espiritualidade!”²

² KENTENICH, José. Filialidade Heróica. pág. 94

O Fundador estava consciente das possíveis conseqüências que em decorrência de sua atuação, prevê para si e para a sua obra:

“Mas temos que contar que esse trabalho vai ferir corações nobres em nossa Pátria, vai despertar grande indignação e será ocasião de vigorosos golpes contrários. Não devemos nos admirar se provocar a reação de um cerrado ‘ front’ comum de homens influentes contra mim e contra a família. Humanamente falando, temos que contar que, no fim, nossa tentativa está voltada ao fracasso. E, no entanto, não podemos nos dispensar de correr esse risco. Quem tem uma missão deve cumpri-la, mesmo que tenha que descer ao mais negro e profundo abismo, mesmo que se exija salto mortal após salto mortal. Missão de profeta inclui em si sorte de profeta. Vemos o Ocidente correr para a ruína e cremos ser chamados, a partir daqui, a um trabalho de resgate, de construção e aperfeiçoamento.” (Livro Pe. José Kentenich. Uma vida pela Igreja, pág. 225 e 226)

O que o Pe. Kentenich anunciava antecipadamente em Bellavista devia-se cumprir nos dois anos seguintes. O desejado diálogo sobre a problemática da mentalidade idealista e mecanicista (o ‘bacilo’ do enfraquecimento da fé) não se realizou. Em lugar disso, iniciou-se uma fase ainda mais difícil que a dificuldade durante o tempo do Nacional Socialismo (Campo de Concentração), pois agora era proveniente da Igreja.

Assim se cumpriu a palavra que seu companheiro de prisão em Dachau, Pe. João Wimmer, lhe dissera após o retorno do campo de concentração:

“Falta-lhe uma coisa: que depois do poder do Estado, também a Igreja lhe coloque a cruz sobre os ombros” . (Livro Pe. José Kentenich Uma vida pela Igreja, pág. 199)

No dia 22 de julho de 1949, chegou a Schoenstatt um escrito procedente de Treves sobre as “idéias especiais” de Schoenstatt (Capital de Graças, Aliança de Amor, Vinculação local de Nossa Senhora a Schoenstatt etc.) e à maneira de falar de Schoenstatt.

Com o correr do tempo, a questão se concentrou mais sobre a pessoa do Pe. José Kentenich. E isso era compreensível por várias razões. A obra de Schoenstatt basicamente era obra sua e a crítica que se referisse a sua fundação devia, por isso mesmo, referir-se a ele. A pergunta central, em torno da qual se havia levantado todo o debate a respeito de Schoenstatt, era a seguinte: “Schoenstatt poderia ser considerado uma autêntica obra de Deus? Não será o resultado do talento e esforço humano de seu Fundador? Ou seria fruto de uma iniciativa Divina Sobrenatural?”

A causa das oposições no relatório final do visitador não era tanto um ou outro detalhe, mas da compreensão do caráter simbólico do Fundador, eles temiam que o centro da obra de Schoenstatt fosse deslocado da Mãe de Deus e de seu Santuário para a pessoa do Pe. José Kentenich.

Observaram uma “absoluta dependência do Pe. José Kentenich” , como um traço exagerado. Portanto, não enxergavam outra saída, a não ser o afastamento do Fundador. Isso não significava afastá-lo somente dos seus cargos, mas impedir qualquer influência de sua parte sobre sua obra.

Em 1º de Dezembro, foi decretado que o Padre Kentenich devia deixar a Europa. E em Janeiro de 1952, o Santo Ofício designou a casa dos Palotinos em Milwaukee, nos Estados Unidos, como lugar de moradia, onde ele chegou em 21 Junho de 1952 e permaneceu até 16 Setembro de 1965, quando partiu para Roma.

A caminho do exílio, o Fundador passa por Bellavista, onde percebe a vida que havia surgido em torno deste Santuário, confirmando que o passo dado em 31 de Maio foi um passo desejado por Deus.

31 de Maio: Uma missão para o nosso tempo! Uma missão para a Jufem!

Depois de conhecer todo o contexto histórico do 31 de maio, podemos relacionar este acontecimento com nossa vida de Juventude Feminina. Destacamos alguns pontos-chaves do conteúdo que cerca a missão do 31 de maio, para relacioná-los com o que vivemos na Juventude.

- Consciência e ousadia de Missão
- Obediência à Igreja
- A fé na Divina Providência

- Coroação da Mãe como Rainha da Filialidade Heróica, demonstrando a confiança no poder sobrenatural da Mãe de Deus.
- Combate ao pensar mecanicista. (Busca do pensar orgânico)

Será que podemos relacionar esses pontos com o que temos vivido e aspirado nos últimos anos como Juventude Feminina?

- Os 10 pontinhos da Jufem.

1° Não Ficar

2° Refletir o interior no exterior

3° Viver o ideal da Jufem

4° Diálogo e respeito no namoro

5° Selecionar o que ver e ouvir

6° Ser reflexo da Mãe de Deus

7° Comportamento digno na Missa

8° Ser pequena Maria: Compromisso com a Aliança de Amor

9° Pensar antes de falar

10° Modernizar sem mecanizar: Internet

- Vinculação da Jufem à Igreja/Paróquias.
 - Ver Sacrum
 - A luta a favor da vida (contra aborto, eutanásia, homossexualismo etc.)
 - Lema do ano: Tudo pela missão, Mãe, envia-me!
- Procure relacionar os tópicos acima, identificando o contexto do 31 de maio com nosso mundo de Jufem.

A missão do 31 de maio e seu pensar orgânico tem muito a ver com nosso dia-a-dia, pois ele nos ensina a sermos coerentes em nossas ações. Por exemplo, se queremos ser geração Ver Sacrum e viver os 10 pontinhos da Jufem, isso requer de nós, além de um espírito de heroísmo (Ousadia da Missão, Filialidade Heróica), atitudes que correspondam a estes elevados ideais. Ser lírio do Pai não somente na beleza de seu

conteúdo, mas nas horas em que todos me induzem a agir de maneira contrária a isso, numa balada, por exemplo, e não só durante as reuniões!

Todo o sofrimento do Pe. Kentenich no exílio e sua tentativa de oferecer Schoenstatt para a Igreja, foi aceito por Deus. Um dos frutos que podemos contemplar é a Campanha da Mãe Peregrina de Schoenstatt, como um exemplo prático da missão do 31 de maio. Por isso vemos a importância de estarmos inseridas nas Paróquias e sermos conhecidas como Juventude Feminina de Schoenstatt, mostrando o rosto jovem de Schoenstatt para a Igreja.

(Levar as meninas a um debate, dando exemplos práticos de como o 31 de Maio se faz presente hoje.) Ex:

* Quando buscamos viver o ideal através dos 10 pontinhos, estamos combatendo o pensar mecanicista. Exemplificando com o primeiro pontinho: o ficar separa o beijo do sentimento. Ao dizermos “não” ao ficar, estamos buscando o viver orgânico, que une a razão ao sentimento.

* Quando estamos trabalhando dentro de uma Paróquia como Jufem, nos colocamos a serviço da Igreja, devendo por isso, obediência à Igreja.

* Ao dizer “sim” à Geração Ver Sacrum, não estamos levando a missão até as últimas conseqüências?

“Quem tem uma missão deve cumpri-la, mesmo que tenha que descer ao mais negro e profundo abismo, mesmo que se exija salto mortal após salto mortal. Missão de profeta inclui em si sorte de profeta.” Pe. J. Kentenich

* A luta a favor da vida também é um combate ao pensar mecanicista. Nos posicionamos de modo a mostrar que cada ação tem uma conseqüência.

* A fé na Divina Providência se mostra muito presente no 31 de Maio, pois mesmo sabendo que provavelmente sua ação não surtiria o efeito desejado, o Pai Fundador buscou seguir o que reconhecia como a vontade de Deus.

“Humanamente falando, temos que contar que, no fim, nossa tentativa está voltada ao fracasso. E, no entanto, não podemos nos dispensar de correr esse risco.”
Pe. J. Kentenich

Tudo isso não se aplica nas coisas que aspiramos, quando sentimos que nossos esforços não surtem efeito algum? Minha luta com o Horário Espiritual, Exame particular, a conquista de meu Ideal Pessoal são o “motor” que me leva a não desistir! (Fé no Reino Futuro)

* O Fundador coroou a Mãe de Deus num gesto de Confiança, colocando nas mãos dela a ‘situação de perigo’ que a Obra enfrentava. Também nesse sentido, não devemos confiar à Mãe as situações de perigo que enfrentamos, para que Ela nos faça Filhas Heróicas?

Conclusão

Tudo pela Missão, Mãe envia-me!

Todo o contexto desse marco histórico é exatamente o TUDO PELA MISSÃO. Quando vivemos nosso lema, estamos vivendo o espírito do 31 de Maio. Nós também queremos entregar **tudo** pela missão, como o Fundador entregou tudo para que a Missão de Schoenstatt se realizasse. A essência do 31 de Maio não acabou com o fim do exílio, pois ainda é a mesma missão que buscamos cumprir. Cabe a nós cumprir essa tarefa que o Pai e Fundador deixou. Estamos prontas?

Mãe, envia-me !

4ª REUNIÃO
JOÃO LUIZ POZZOBON
FILIALIDADE HERÓICA

“Conserva a fidelidade e o amor, que tudo será alcançado. Não receies a cruz, porque, através de sacrifícios, encontrarás as alegrias.”

João Luiz Pozzobon.

Histórico:

Em 12 de dezembro de 1904, em Ribeirão, aldeiazinha das serranias do centro do estado do Rio Grande do Sul, nasce João Luiz Pozzobon. Um menino muito bom de coração e que desde pequeno sentia que tinha uma missão a cumprir.

Com cerca de doze anos, João relatava que sentia uma espécie de saudade, que não conseguia saciar. Em alguns momentos, subia a uma colina e ali ficava admirando o céu que parecia tocar a terra, dessa forma preenchia o vazio que sentia.

Sr. João Luiz Pozzobon entrou em contato com o Santuário e o Movimento de Schoenstatt no mesmo período em que o Padre Kentenich fez visitas ao Brasil, onde anunciou as glórias de Maria e estimulou a construção de Santuários filiais.

Pozzobon participou de muitos retiros, pregados pelo Padre Celestino Trevisan, nos quais despertou nele o desejo de tornar-se um apóstolo de Maria. Certa vez em uma palestra, nosso Pai Fundador disse: “Quem dera surgissem no Brasil, heróis como José Engling...” E Pozzobon gravou essas palavras em seu coração, assumindo essa tarefa para sua vida. Conheceu a espiritualidade de Schoenstatt, selou sua Aliança de Amor com Maria no Santuário, onde buscava forças para sua vida. Mais tarde, caracterizou-se como o “aluninho” do Pe. Kentenich.

Como João Pozzobon viveu sua Filialidade?

A confiança que João depositava na Mãe de Deus era imensa e sua Fé Prática na Divina Providência era indiscutível. Um fato concreto exemplifica tal confiança:

“Um dia João chegou ao Santuário com o rosto inchado, uma Irmã o viu e ao perguntar do que se tratava, disse que era problema nos dentes e que não era possível tratá-los no momento. Então, a Irmã enviou uma quantia em dinheiro para que ele pudesse fazer o tratamento, mas num ato de fé e filialidade, decidiu comprar uma coroa e coroar a MTA, suportando a dor. Após realizar este ato, seus dentes melhoraram e nunca mais doeram.”

Muitas vezes em nossa jovem vida também passamos por algumas dificuldades no dia-a-dia: uma dor de cabeça, uma cólica, talvez até mesmo um cansaço causado pela rotina de trabalho e estudo, o que nos leva a reclamar com todos aqueles que estão a nossa volta, a nos queixar, mesmo que muitas vezes esta dor seja suportável em relação a tantas doenças graves que existem. Será que a exemplo de João Luiz Pozzobon não poderíamos “suportar” essas pequenas dores e entregá-las ao Capital de Graças como pequenos sacrifícios?

João nunca pedia graças para si, porque confiava que a Mãe de Deus conhecia-o profundamente e sabia de cada necessidade.

É impressionante o mistério que se descobre na pessoa de João. Uma mescla de filialidade e paternidade, debilidade e fortaleza, proximidade e distância, pequenez e grandeza, vazio e plenitude. Sim, seu João seguiu um caminho sério de esvaziamento de si mesmo, para ser preenchido sempre mais pelo Deus vivo.

A partir de determinada época de sua vida, passou a desejar não ter nada de propriedade sua. Dispunha, mesmo, de pouca coisa! Queria entregar, em vida, todos os seus bens aos filhos. Sua esposa Vitória não era do mesmo parecer. João lhe falava a respeito e esperava. A espera durou dez anos. Quando ela se deu conta do que desejava seu esposo, teve mais disposição em dar este passo: doaram seus bens aos filhos e ambos ficaram desprendidos de tudo.

Qual será o nosso grau de confiança na Mãe de Deus? Quando tudo vai bem conosco, com nossa família, no trabalho, na Igreja; estamos convictas que a Mãe está ao nosso lado, porém quando surge algum problema esquecemos que somos filhas de uma Rainha, e que uma Mãe jamais abandona um filho. Temos em mente aquilo que queremos e que almejamos do nosso jeito, do modo que planejamos, mas será que a minha vontade, é a vontade de Deus e que está no plano de amor que um dia ele criou especialmente para mim?

Até que ponto sou desapegada dos bens materiais que possuo? Coisas que acumulo ao longo do tempo, que “não vivo” sem elas, uma roupa, um cartão de um antigo namorado, uma bolsa, um livro, um celular, o meu MP3, minhas roupas que precisam sempre estar na última moda! Até onde considero tais objetos como lembranças, ou eles exercem influência em meu pensamento e comportamento? Será que estas “coisas” tão importantes tiram a minha liberdade de aspirar ao meu ideal?

O nascimento da Campanha da Mãe Peregrina.

João Pozzobon após ter conhecido Padre Kentenich teve sua espiritualidade renovada - uma espiritualidade de santificação - pois ele sempre se empenhava em ser espelho do Pai Fundador, e um grande reflexo disso foi a **Campanha da Mãe Peregrina**, missão que ele trouxe ao mundo. *“... Se o Padre Kentenich não tivesse vindo aqui, eu não teria esse espírito assim...” . J. Pozzobon*

No dia 10 de setembro de 1950 João Pozzobon recebeu de Irmã Terezinha uma grande imagem da MTA, abençoada no Santuário Tabor. Ele deveria cuidar que esta Imagem passasse de casa em casa. *“Porém, depois veio a minha parte. A Irmã me confiou esta imagem, depositou em mim toda sua confiança. Então me senti responsável e disse a mim mesmo: ‘Eu vou rezar todas as noites o Rosário.’”* disse João.

A partir deste dia, com um grande ardor apostólico, o Sr. Pozzobon andou de casa em casa, de escola em escola, de hospital em hospital, levando a Mãe Peregrina, rezando o terço e anunciando a todos o amor de Cristo.

Como uma forma concreta de realizar o objetivo de Schoenstatt, a renovação religiosa do mundo em Cristo por Maria, a Campanha vai ao encontro dos anseios da Igreja em transformar as Famílias em Igrejas domésticas.

O Pai e Fundador afirmava que o apostolado de João tornava eficaz as forças fundamentais de Schoenstatt, pois ele tinha uma pastoral renovada que levava a Santíssima Virgem a todas as partes, para que Ela atuasse como educadora. Portanto, João Pozzobon realizava as palavras de Pallotti: *“Ela é a grande Missionária; Ela realizará milagres!”*

João enfrentava muitos obstáculos: além da missão schoenstattiana não ser compreendida por alguns Sacerdotes na cidade, ele também não podia falhar nem uma noite! Certa vez chovia muito e João tinha medo de água. Em seu caminho havia um rio que se enchia muito cada vez que chovia, mesmo assim, João com seu cavalo e uma charrete (com a Mãe ao lado) atravessou o rio, mas deteve-se, pois a correnteza era forte e as águas já invadiam a charrete. Não sabia se voltava ou se seguia em frente, de repente uma voz grita: *“Coragem companheiro!”* . Era um senhor a cavalo, que vinha prestar socorro. João, agradecido, compreendeu que foi a Mãe que mandou aquele Senhor.

As dificuldades não eram apenas com as pessoas ou com as diversidades da natureza, mas também a imagem pesava 11 quilos! (mais a maleta pessoal de João, ao todo eram 19 quilos que carregava em um percurso de 15 quilômetros por dia). Também, suas costelas se deslocaram no lado em que carregava a imagem. A fome, o frio, as distâncias, a enfermidade que às vezes o atingia, apenas fortaleciam João para continuar em sua missão.

João Luiz Pozzobon levou a Mãe de Deus às pessoas, porque ele a tinha em seu coração. Pela Aliança de Amor fazemos uma troca de corações com a MTA, ela passa a ter o meu coração e eu o dela.

Será que somos autênticas jovens Schoenstattianas, e levamos a Mãe conosco em todos os lugares através de nosso ser e agir, ou muitas vezes a deixamos em casa? Será que esquecemos de apresentá-la às pessoas, falando de tudo o que ela faz por nós? Afinal "Ela está comigo" ! Será que em todos os lugares que eu vou, as coisas que eu falo, a maneira como me arrumo para sair, a Mãe de Deus poderia ir comigo? Ela poderia ver tudo o que eu faço?

Quando me confiam alguma tarefa devo ter a responsabilidade de realizá-la dando o meu melhor desempenho, de um simples serviço em casa, até uma atividade dentro do grupo, uma colaboração na Paróquia, um trabalho no colégio, ou seja, a mais simples tarefa devo executá-la com esmero, pois a mim foi confiada. Dou realmente o meu "tudo" ou apenas uma porcentagem do meu tempo, e da minha dedicação para a missão que tenho?

⇒ *Dica: A Dirigente pode levar para a reunião algo que pese aprox. 11 quilos (Ex. 2 Sacos de Arroz) para simular o peso da MTA.*

Vamos aprender com o Sr. João por que rezar o terço?

Todo desenvolvimento vital é progressivo, orgânico e lento. Quando João iniciou a Campanha, produziu-se nele uma profunda mudança interior. Desde seus primeiros anos em Schoenstatt, tinha um rigoroso horário espiritual e um controle estrito de suas atividades, tanto apostólicas como pessoais. Dessa forma ele dizia:

"De início eu rezava um Terço. Depois passei a três Terços. Depois passei a sete Terços. Depois onze e depois quinze por dia."

Ele começava a rezar desde manhã cedo, inclusive enquanto trabalhava carpindo.

No verão de 1952 ele se encontrou com o Pe. Kentenich e tiveram uma breve conversa:

- O Rosário é um tesouro, disse o Pe. Kentenich.

Seu João continuou dizendo que a "Campanha" e a reza do Rosário exigiam sacrifícios.

- Depois de muitos sacrifícios, vêm as alegrias - foi a resposta do Pe. Kentenich.

E seu João:

- Conheço uma pessoa que, quando anda a rezar o Terço, se veste de suas melhores roupas, pois sente muita alegria de rezá-lo.

- Não diga! Essa pessoa terminará sendo uma **pessoa santa** – e acrescentou - com a reza do Rosário, um homem converteu toda uma cidade.

O Pe. Kentenich sabia que tal homem era o próprio João e sempre demonstrou vivo interesse pela "Campanha" , o que deu ânimo renovado a seu João.

O Terço é a oração mais bela. Ao invés de rezá-lo somente repetindo as palavras e orações, podíamos meditar as passagens bíblicas, que contemplamos em cada mistério, que nos falam de cada etapa da vida de Jesus. As palavras que rezamos na Ave Maria, são as palavras que o próprio Deus a saudou na hora da anunciação. Deveríamos nos esforçar como Jufem, pertencendo a um movimento mariano, para rezá-lo, ao menos aos sábados, que é um dia dedicado a Nossa Senhora e durante a semana nos esforçarmos em rezar uma ou duas dezenas...

Como Sr. João queremos dar tudo pela missão!

João foi o grande servidor da MTA... Ao levar a Mãe a todas as pessoas, tinha a consciência de que estava levando muito mais que uma imagem, mas estava levando a própria Mãe de Deus e sua Mãe.

João Luiz, por sua consagração e entrega total a Maria, quis ser o **servidor heróico da Mãe e Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt**. Como servo de Maria, queria trabalhar pela santificação das famílias e pela salvação de todos em Jesus Cristo. Ele assim dizia:

“Eu senti o heroísmo de José Engling, ao entregar totalmente minha vida por esta missão. Ficou gravado em mim o espírito de heroísmo e o desejo de imitá-lo, dando minha vida à Mãe Rainha, à sua Obra, junto com o Fundador.”

Desde que conheceu o Movimento, quis vencer toda rotina, toda mediocridade. No dia 31 de março de 1984, após a celebração eucarística, disse a um grupo de Argentinos: **“Quero comunicar-lhes um pensamento que me acompanha nestes momentos. Não somente queremos cumprir o nosso dever. Isto é o que se deve fazer. Por amor à Campanha, ser herói hoje mesmo. Devemos ir mais além do dever. Mais de uma vez me disseram que eu estava louco... No mundo existem duas classes de loucos: uns são os que terminam no hospício, e os outros são loucos de amor.”** João Pozzobon foi de verdade um louco de amor.

Sentimos hoje o heroísmo brotar em nosso coração, ou pensamos que ser herói foi mérito de nossos antepassados? Se a Juventude arde pelo ideal e anseia por fazer a diferença em um mundo que cria certos valores e os considera como princípios, como regras, devemos tomar para nós mesmas o espírito heróico do Sr. Pozzobon, não podemos deixar a chama se apagar!

Vemos como a vida de João Luiz Pozzobon é atual, uma santidade que pode ser vivida em nosso dia-a-dia; assim como nós, João também teve de harmonizar sua vida espiritual com sua vida familiar, e todo o seu apostolado. Confiou nas graças do Santuário e na entrega total a MTA. Quando precisarmos de auxílio podemos recorrer a intercessão deste herói, um santo Schoenstattiano, e o que nos causa mais alegria, um filho do Tabor.

ORAÇÃO PELA CANONIZAÇÃO DIÁCONO JOÃO LUIZ POZZOBON

Deus, nosso Pai, fizeste de João Luiz Pozzobon um esposo e pai exemplar, um amigo dos pobres e um incansável peregrino. Ele dedicou sua vida a levar a Mãe e Rainha às famílias, hospitais, escolas e presídios, rezando o terço.

Por isso Pai, confiante peço que, se for da Tua vontade, este teu servo seja canonizado e, por sua intercessão, eu possa receber a graça que tanto necessito: (pedir a graça...).

Assim rezo com Maria, a Grande Missionária, para a Tua Glória, o florescimento da Igreja e a santificação das famílias. Amém.
Pai Nosso, Ave Maria e Glória ao Pai.

Tudo pela Missão! Como filhas Tabor!

5ª REUNIÃO

A missão de nosso Pai e FUNDADOR

Motivação:

Propaganda Sedex dezembro 2008 (<http://br.youtube.com/watch?v=yheyobXHb1M>)

Vô: *Você sabia que houve um ano que faltando poucos dias pro reveillon a meia-noite sumiu?*

Neto: *Sério?*

Vô: *Eu era bem jovem, houve uma confusão, todo mundo começou a se perguntar se ia poder comemorar o Ano-novo. Foi então que pediram ajuda ao maior mestre relojoeiro do mundo. Mas, ainda assim, era preciso que alguém conseguisse levar as doze badaladas que iam devolver a meia-noite perdida.*

O homem pegou a encomenda e foi correndo para o relógio mais alto, da montanha mais alta, para devolver a meia-noite a tempo. Ele nunca tinha perdido uma entrega na vida!

Neto: *Nossa vô, esse moço deve ter virado um herói, hein?*

Vô: *Quê isso... Ele só estava cumprindo a missão dele!*

Você já parou para pensar qual é a sua missão?

Vivemos num mundo onde tudo acontece muito rápido, e nem sempre temos tempo de parar, de pensar, são muitas informações que enchem a nossa cabeça, e exigem de nós uma resposta.

Mas será que diante de tudo isso entendemos qual é a nossa missão?

Fomos escolhidas para pertencer a Juventude Feminina, e devemos entender que na visão de nosso Pai e Fundador, Schoenstatt precisa realizar sua missão!

Deus chamou este movimento à existência e lhe confiou uma parcela na obra da salvação, muitos homens e mulheres, entregariam suas vidas, por nossos Ideais.

Mas em primeiro lugar precisamos nos perguntar, ***qual é a missão de Schoenstatt?***

Se lermos o Documento de Fundação, podemos constatar, que os grandes objetivos giravam em torno da auto-santificação e do empenho apostólico em transformar o mundo!

Mais tarde vemos o Objetivo Geral de Schoenstatt:

Renovação religiosa e moral do mundo em Cristo por Maria!

Como queremos alcançar este objetivo?

Somos um movimento de educação e de educadores, pela vivência diária da Aliança de Amor com nossa MTA, queremos ajudá-la na renovação do mundo... para que Schoenstatt cumpra sua missão, cada ramo ou comunidade da Obra, seja na Liga, na União ou no Instituto, cada filho de Schoenstatt deve cumprir sua missão!

E nós como Jufem qual é a nossa Missão?

Se pensarmos em grandes santos da Igreja, cada um foi chamado a realizar uma missão em sua vida. Assim como cada uma de nós! Pode acontecer, que diante de tais questionamentos, pensemos que para cumprir nossa missão tenhamos que fazer algo fora do comum, que transforme a vida de uma nação, mas, muitas vezes, em nossa vida nos deparamos com situações que nos pedem o nosso "minuto heróico" . Certamente não devolveremos a meia-noite, ao tempo como vimos na motivação... mas podemos ser protagonistas de outra maneira. Viver com fidelidade nosso Ideal, esforçar por corporificar em nós a nova mulher segundo a imagem da Mãe de Deus, e trabalhar sério em nossa auto-educação!

Em nosso dia-a-dia, será que temos ocasião para saber se estamos ou não vivendo a nossa missão?

(deixar que elas falem.... exemplos em casa, com os amigos, na faculdade, na escola, no trabalho, na Jufem....).

O primeiro passo para viver nossa missão é saber aceitá-la. Assim nos diz nosso Pai e Fundador:

“Assumimos a missão de anunciar a mensagem de Schoenstatt por nossas palavras e por nosso atuar. Esta é a tarefa de nossa vida até o último suspiro. Não temas! A Mãe Três Vezes Admirável está contigo e te brada: eu estou contigo e tu irás! Ela nos envia e nos abençoa.”

Aceitar a missão é olhar para os planos de Deus e vivê-los com nossa plena liberdade.

Schoenstatt também nos oferece formas pelas quais podemos nos tornar aptos para a missão; são formas de nos auto-educar que ajudam em nosso crescimento pessoal e espiritual, como:

- Ideal pessoal: a idéia original que Deus teve ao criar-me. É a missão concreta que Deus me chama a cumprir no mundo.
- Propósito particular: a forma concreta de trabalhar o Ideal Pessoal, aquilo que ajuda a mudar minhas condutas e a conquistar as atitudes que me propuser.
- Horário Espiritual: é um método para organizar nossa vida, uma forma de equilibrar nosso trabalho, família, vida espiritual. Ele nos ajuda a alimentar e acrescentar as relações com Deus e o próximo. É uma forma de contribuir ao Capital de Graças, num esforço por colaborar com a graça, “nada sem Ti, nada sem nós” .
- Caderno Pessoal: não é um diário de vida, é uma ajuda para nossa meditação, para firmar atos que tem importância em nosso desenvolvimento espiritual.

Estas são armas poderosas que nos impelem a subir sempre mais ao alto e dar **tudo** pela missão!

Neste ano, a Igreja no sentido mundial, celebra os 2000 anos de vida do Apóstolo Paulo, por isso o ano de 2009 foi nomeado pelo Papa Bento XVI como “Ano Paulino” . São Paulo, também chamado apóstolo das nações, foi um grande missionário que podemos dizer, soube dar o seu *“Tudo pela missão”* . Nosso Pai e Fundador gostava muito de citar as palavras de São Paulo ou mencionar o seu zelo pelas almas, o ardor com que ele anunciava o evangelho de Cristo.

Olhando o passado de Schoenstatt podemos ver que São Paulo exerceu uma grande influência. Em nossa história, em 1919, aconteceu o **Congresso de Hoerde**, que levou o Movimento de Schoenstatt para fora dos muros do Seminário Pallottino; em Hoerde se deu a fundação da União Apostólica. Se fizermos as contas podemos perceber que, neste ano comemoramos 90 anos desta data tão importante, isto fortifica nosso espírito missionário, nos dá um novo entusiasmo! Estudando a história vemos, se não fosse “Hoerde” talvez não estaríamos aqui!

Mas porque falar em Hoerde quando o assunto era São Paulo? No livro “Congresso de Hoerde” lemos:

“...A protetora da União é a Mãe Três Vezes Admirável. O patrono especial, São Paulo. Nosso lema: Caritas Christi urget nos!” (O amor de Cristo nos impulsiona!)

Esta é uma frase de São Paulo, que despertou o coração daqueles jovens e que até hoje se encontra gravado na medalha da União Apostólica.

- **Sugestão de leitura – o livro Congresso de Hoerde 1919!**

Para entendermos os motivos pelos quais São Paulo está unido a Schoenstatt, basta olhar a vida de nosso Pai e Fundador. Se fizermos um paralelo entre estes grandes apóstolos veremos o que uma pessoa que aceita a sua missão, é capaz de fazer para levá-la até o fim!

São Paulo:

Seu nome era Saulo e foi por muito tempo fanático perseguidor dos cristãos. Mas Jesus não descansou até que Saulo se transforma em Paulo; em uma viagem a cidade chamada Damasco, Saulo, cai por terra e escuta o Senhor que o chama: “Saulo, Saulo, porque me persegues?” Este encontro com Cristo mudou totalmente sua vida, ele recebeu o Batismo, e se tornou Paulo, o incansável anunciador do Evangelho! (Cf. Ato 9-3seg)

São Paulo, recebe sua missão do próprio Cristo. Ele viajou por muitas cidades e povos para anunciar a Boa Nova que Cristo havia trazido à terra.

Mas não foi só de êxitos que Paulo viveu, por sua fé ele foi capaz de suportar, muitas dificuldades: “São ministros de Cristo? Como insensato, digo: muito mais eu. Muito mais pelas prisões; infinitamente mais pelos açoites. Muitas vezes, vi-me em perigo de morte. Dos Judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. Três vezes fui flagelado. Uma vez apedrejado. Três vezes naufraguei...” (2 Cor 11,24).

Mas nem só de sofrimentos viveu o apóstolo, Cristo deu grande alegria ao seu ministério, era pai espiritual de muitas comunidades, como: Coríntios, Gálatas, Efésios, e com estes, buscava a perfeição, e se alegrava quando eles viviam seus ensinamentos.

“Tudo posso naquele que me fortalece” . (Fil 4,13) – sua confiança era inabalável no poder e na bondade de Deus! Cristo era o sentido de sua vida e por ele era capaz de viver e morrer se assim aumentasse a sua glória.

“O Apóstolo Paulo define a posição de Cristo no plano salvífico universal, como mistério divino num duplo sentido. Considera seu Ideal Pessoal, sua tarefa específica e própria, desvelar ao mundo inteiro este tremendo mistério divino.” (Na escola do Apóstolo Paulo).

Pe. José Kentenich

Jose Kentenich, aos 9 anos de idade foi consagrado por sua mãe à Nossa Senhora; esta entrega que ela realizou foi um ato silencioso que seria o começo de uma história de fé. José Kentenich, teve seu encontro marcante com Jesus no dia de sua primeira comunhão, quando revela a sua Mãe o desejo de se tornar Sacerdote. A Mãe de Deus já o havia escolhido e estava preparando-o para sua grande missão... Ela o escolheu para ser seu partidário na Aliança de Amor e ajudá-la a transformar o mundo através de seu Santuário de graças!

Como São Paulo, nosso Pai e Fundador se sentiu chamado por Deus para uma missão especial. Sua missão mariana, não o deixava tranquilo, ele devia anunciar as glórias que ela já tinha revelado em sua vida a todos aqueles que Deus iria lhe confiar.

Por esta missão singular, nosso Pai e Fundador também precisou sofrer, passou 3 anos no campo de Concentração de Dachau onde sofreu com a fome, epidemias, bombardeios, estava diariamente com a morte a seu lado. E mesmo preso, não deixou de cumprir sua missão, fundando no Campo de Concentração de Dachau a Obra das Famílias e o Instituto dos Irmãos de Maria. Não bastasse isso, foi exilado, separado de

sua Fundação por 14 anos, mas seu amor à Igreja e sua consciência de missão se tornaram cada vez mais fortes. Nada o podia impedir de cumprir esta missão que recebera de Deus e da Mãe de Deus.

Ele se tornou Pai espiritual de uma Família Internacional, viu crescer a Obra, e quantos se uniram a ele e se colocaram a serviço desta missão!

Podemos dizer então que a missão de São Paulo era anunciar o mistério de Cristo e a missão de nosso Pai e Fundador, anunciar o mistério de Maria!

Nossa missão hoje

Assim como São Paulo deixou sua missão à Igreja, que segue seus ensinamentos e leva adiante a mensagem do Evangelho, também nosso Pai e Fundador deixou para nós, como Juventude Feminina de Schoenstatt, uma parcela de sua missão.

Faz alguns anos que estamos nos questionando qual seria a missão da Jufem!

Nosso Ideal: ser Lírio do Pai, tabor para o mundo!

Mas qual será a forma concreta de viver este Ideal? Neste ano nosso lema nos leva às alturas de nossa aspiração, **Tudo pela missão!**

Sentimos que nossa Rainha dos Lírios vem nos preparando para a concretização desta idéia que nos ajudará a corporificar sempre mais, nosso Ideal. Sabemos que queremos “resgatar a dignidade feminina da jovem atual” e entendemos todas as situações de perigo que o mundo nos apresenta... “todo o mundo é nosso campo de batalha!” mas, devemos começar no concreto, no pequeno, não podemos desistir, nossa missão merece que cada uma dê **tudo** por ela, os sacrifícios que fazemos hoje, são sementes que colheremos amanhã, uma santa juventude de Schoenstatt!

Temos grandes modelos em nossa frente, nosso Pai e Fundador caminha conosco. Deixemo-nos inflamar pelo espírito dos congregados de Hoerde:

“...também não poderemos nós ser missionários? Algo porém podemos e devemos conservar e cultivar em nós o impulso ao grande, ao apostólico. Devemos considerar como nossa tarefa, confiada pela Divina Providência, ser missionário em nosso ambiente, mas principalmente nas grandes cidades modernas. Firmar em nós a herança

legada por nosso grande modelo, contra a descristianização da vida pública. Isso não vale só para os teólogos, mas também para todos nós! Com o coração de Paulo no areópago*, devemos lutar por nossos mais elevados bens, tornar-nos fermento na massa, farol que ilumina o caminho entre as frivolidades e obscuridades modernas...”

(Congresso de Hoerde pág. 72)

***Areópago**= O nome Areópago foi dado a uma montanha e ao concílio que lá se reunia. A montanha na parte da frente da imagem, está localizada próximo a acrópolis, que pode ser vista atrás dela. De acordo com Atos 17:16-33, Paulo fez um discurso no Aerópago, chamando os atenienses da idolatria para o culto ao Deus verdadeiro.

Tudo pela missão!!!

6ª REUNIÃO
FILIALIDADE HERÓICA
60 anos da Coroação da Rainha da Filialidade Heróica

(Proposta) Dinâmica inicial: CD “Festa da fé” do Pe. Antônio Maria com a música “Pai de misericórdia” nº 10, pedir que elas expressem o que captaram sobre a vinculação entre pai e filho.

1. Filiação x Filialidade

Primeiramente observemos a diferença entre as expressões *Filiação* e *Filialidade*.
(pedir para elas mesmas procurarem no dicionário)

A palavra *Filiação* segundo dicionário Aurélio significa:

“s.f, designação dos pais de alguém; ato de perfilhar; adoção como filho; descendência de pais para filhos; fig. admissão numa comunidade; conexão; dependência; procedência; origem.”

A **Filiação** é a capacidade de vinculação do pai para com o filho. Pelo Batismo este relacionamento de amor recebe uma confirmação divina, fazendo haurir as graças que Cristo nos mereceu como seus filhos adotivos. A filiação divina consiste no fato de sermos realmente filhos de Deus. Na Bíblia podemos fundamentar nossa filiação divina por meio das palavras de São Paulo:

“Com efeito, não recebestes um espírito de escravos para recair no temor, mas recebestes um espírito de filhos adotivos pelo qual clamamos: Abba! Pai. O próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus. E se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, pois sofremos com Ele, para também com ele, sermos glorificados.” (Rom 8, 15-17)

O termo “filiação divina” designa a realidade de sermos filhos de Deus, mas o termo “filialidade” exprime a prática deste ser filho, ou seja, o agir e a atitude de filhos de Deus. A palavra “filialidade” não existe no português, mas é uma expressão traduzida do alemão e que utilizamos em nosso Movimento Apostólico de Schoenstatt para designar esta conotação afetiva e psicológica do ser filho, que traduz exatamente de forma mais plena, a delicadeza e a nobreza deste relacionamento.

O livro “Santidade de todos os dias” nos explica:

“Sou verdadeiramente filho de Deus, posso unir-me a Jesus e dizer ao grande Senhor do céu e da terra: querido Pai! Porém, não sou filho por geração, como Cristo, mas por uma participação totalmente imerecida.”³

A filialidade é um impulso natural porque fomos criados como filhos dentro de uma família, mas é também um dom sobrenatural, o que supõe o ser e dar-se como filho diante de Deus.

³ KENTENICH, José e NAILIS, M. Annette. *Santidade de todos os dias*. p. 51

Esta vivência na família natural deveria ser um meio para amarmos a Deus como Pai, o que chamamos no Movimento de Schoenstatt de *vinculação sobrenatural* (o mesmo relacionamento que temos com os pais deveríamos ter para com Deus, nosso Pai). A filialidade nos faz vivenciar a consciência de predileção de filhos amados do Pai do Céu.

A filialidade é a essência do ser humano e a raiz da genuína personalidade.

1.1. Jesus, o Filho Heróico do Pai

A filialidade heróica foi vivida de maneira perfeita por Jesus em relação ao Pai Celestial. O que de mais precioso podemos aprender de Jesus Cristo é a profundidade de sua vinculação filial para com Deus: *“O Pai e Eu somos um!”* (Jo 10,30). Jesus é enviado pelo Pai, sua autêntica testemunha! Ele é sua força; tudo o que Jesus faz, o faz em nome de Deus, pois vive da consciência de ser O Filho muito amado do Pai. Na Eucaristia, nós penetramos nesta profunda união de amor filial.

A Mãe de Deus tem a missão de educar-nos para que Cristo seja nosso modelo de Filho Heróico:

“Rainha da Filialidade Heróica! Tu és a Portadora de Cristo! Em tua Província Tabor debes nos dar de modo especial Jesus, com seu poder, com sua bondade, mas também com sua filialidade heróica em relação ao Pai!” (Pe. José Kentenich, Santa Maria – 1949).

2. Os Graus da Filialidade

Agora que já estamos bem ambientadas no sentido das expressões Filiação e Filialidade, queremos conhecer melhor os graus da filialidade.

A filialidade se desenvolve em três etapas:

- a Primitiva,
- a Perfeita / Purificada e a
- mais profunda, a Filialidade Heróica.

É importante saber que cada pessoa deve desenvolver de forma orgânica os graus da filialidade.

O primeiro grau é a **Filialidade Primitiva**: o amor filial neste grau, é um amor egoísta, que busca satisfação própria. Nosso Pai e Fundador a define assim:

“...a filialidade primitiva doa-se para receber, para sentir-se abrigada. Dou-me para ser feliz, para me enriquecer, etc.” ⁴

É muito comum observar nas crianças, que seu amor ainda está no estágio primitivo, fazem tudo para chamar a atenção dos pais, amam para receberem amor! Ao refletirmos, podemos notar esta filialidade em nossa vida. Mesmo que não somos mais crianças, temos necessidade de sermos notadas, amadas e admiradas.

Isso parece ser negativo, mas não o é, pois precisamos passar por isso e assim desenvolver nossa filialidade para que ela amadureça.

No segundo grau, a **Filialidade Perfeita / Purificada**, observamos ainda o egoísmo, mas neste caso a pessoa quer doar-se, entregar-se, para satisfazer a si própria, ou seja, ela ama para ser enriquecida, presenteia para ser presenteada. Neste caso, o “eu” vai para o segundo plano, mas ainda quer algo para si.

O terceiro e último grau, a **Filialidade Heróica**, é a única que pode nos satisfazer, nela superamos todas nossas debilidades:

“Neste grau, amo a mim e a todas as criaturas única e exclusivamente por causa de Deus. Isto supõe um total desprendimento interior de tudo e de toda a vontade própria, um desprendimento capaz de ver em tudo, o bom Deus.” ⁵

Como a filialidade possui os seus graus, vemos que aos poucos nossa vida de Aliança de Amor vai crescendo em profundidade. Ao aprofundarmos nossa Aliança de Amor, aprofundamos também nosso relacionamento filial com a Mãe de Deus. Isso acontece pela Carta Branca e Inscriptio, que nada mais é que um renovar nossa

⁴ KENTENICH, José- Filialidade heróica – p. 20

⁵ KENTENICH, José- Filialidade heróica – p. 17

Consagração de maneira mais profunda, subindo a um grau mais elevado de entrega e amor.

A filialidade heróica se insere na Aliança de Amor na altura da Inscriptio, que quer dizer, um coração no outro (Inscriptio Cordis in Cor), isto requer um alto grau de amor; inscriptio é uma troca de corações, viver um no outro, para o outro e com o outro, em última instância, no coração de Deus.

“A Inscriptio tem duas dimensões, é desprendimento perfeito e abandono perfeito. É filialidade heróica.” (Pe. José Kentenich – 25/07/1949).

O sentido da Inscriptio é entregar-se totalmente a Deus e deixá-lo conduzir nossa vida, mesmo que isso inclua sofrimentos e dificuldades. Este é o mais alto grau da filialidade, uma entrega total e sem reservas.

2.1. Nosso Pai e Fundador e a Coroação da Rainha da Filialidade Heróica.

O Pe. José Kentenich viveu a Filialidade heróica durante toda a sua vida, e no campo de Concentração e no Exílio de maneira acentuada. Após seu regresso de Dachau, convencido de que Schoenstatt era uma obra divina, percebeu a urgência de sair pelo mundo em missão. Foi assim que ele veio para a América do Sul, para buscar aliados⁶, ao longo de suas inúmeras viagens. Durante esses anos, a espiritualidade de Schoenstatt começou a ser questionada pelas autoridades da Igreja, o que o levou a escrever um esclarecimento – a *Epistola Perlonga* (carta do 31 de maio), que também abordou o aspecto da filialidade. Esta parte da carta foi concluída em nossa Pátria, provavelmente porque nosso Pai e Fundador viu em nós, brasileiros, uma alma naturalmente filial.

Diante dos desafios que esta carta causaria a toda a Obra de Schoenstatt, Pe. Kentenich vê-se impelido a coroar nossa Mãe como **Rainha da Filialidade Heróica** no dia 20 de agosto de 1949, no Santuário de Santa Maria, Rio Grande do Sul. A hora era difícil e de escuridão, por isso a Coroação!

⁶ instrumentos que assumissem junto com Pe. Kentenich a missão mariana de Schoesntatt

Na oração de coroação, nosso Fundador confiou a Mãe de Deus os cuidados por toda a fundação de Schoenstatt:

“Entregando-te a coroa, damos-te novamente a responsabilidade por todas as complicações no espaço e no âmbito da Igreja. Tu deves travar e vencer as lutas. É o que confirmamos e anunciamos solenemente ao mundo inteiro, colocando a coroa sobre tua frente.”⁷

Ao coroar a Mãe de Deus como Rainha da Filialidade Heróica, nosso Pai e Fundador confirmou que ela é a vencedora em todas as situações, a portadora da luz, ela é a protagonista de toda a história de Schoenstatt.

Na oração de Coroação nosso Pai e Fundador nos mostra a filialidade heróica como resposta aos desafios daquela época e dos tempos atuais:

“Pedimos-te novamente que aceites a coroa como expressão do pedido: cuida que todos os filhos de Schoenstatt recebam e conservem, até o fim dos tempos, a graça da filialidade heróica e com ela, a garantia do elemento essencial de nossa espiritualidade.”

3. A Filialidade heróica hoje!

Também nós como Jufem podemos aspirar a este grau da filialidade. Em Cristo, através de nossa auto-educação, somos motivadas a atingirmos este grau mais elevado da filialidade. Esta Filialidade heróica nos ajuda a enfrentar todas as dificuldades e nos abre o coração para o atuar da graça divina em nós.

Maria nos educa, a partir do Santuário, a sermos as filhas heróicas, que se empenham em cumprir sempre a vontade divina, com coragem, ousadia, despreocupação e segurança, quer na alegria ou no sofrimento.

O espírito de entrega e doação na época da coroação da Rainha da Filialidade Heróica, deve continuar cada vez mais atual em nossas vidas e, principalmente pelo seu cunho apostólico, sendo realizado, não somente por palavras, mas sim com o nosso “sim” , com a nossa vida!

⁷ KENTENICH, José. *Filialidade Heróica*. P. 92

Nosso ***“Tudo pela Missão”*** deve ser forte e marcado pela graça de Deus e pela liberdade interior. Por isso é fundamental sempre suplicarmos que a Mãe nos transforme em vivas imagens de Cristo, verdadeiras filhas heróicas para o nosso Brasil e o mundo atual.

Estas dicas podem nos ajudar na conquista da filialidade heróica:

1. Suplicar a graça do reconhecimento próprio (aprofundando nosso auto conhecimento e nos entregando nas mãos do bom Deus como uma singela criança que confia no amor do Pai e nada teme, porque o Pai está guiando).
2. Observar em nossa vida o exemplo de Jesus. Ele, como verdadeiro Filho Heróico pode nos apresentar, melhor do que ninguém, as verdadeiras atitudes que nos levarão a autêntica filialidade heróica, por intermédio de nossa Mãe,
3. Suplicar a ação do Espírito Santo em nós, que clama: *“Abba! Pai!”* , porque é indispensável à graça nesta conquista.
4. Viver intensamente nossa Aliança de Amor, assim podemos recorrer mais à Ela, fazendo valer suas exigências, MPHIC! – Mater perfectam habebit curam! (A Mãe terá o perfeito cuidado!) Mas também buscarmos forças em nosso Ideal Pessoal, Exame Particular e o Horário Espiritual. Desta maneira estaremos assumindo o compromisso de deixar-nos educar por Maria, para sermos filhas heróicas no cumprimento da missão de Schoenstatt.

O que nós iremos fazer para conquistar nossa Filialidade Heróica? Entregaremos também a coroa à Mãe?

4. Sentido da coroação em minha vida pessoal

Toda coroação tem por finalidade confirmar a nossa Aliança de Amor selada com a Mãe em 18 de outubro de 1914, onde podemos dizer com firmeza e sabedoria que a nomeamos Rainha de nossas vidas diante de todas as dificuldades que enfrentamos.

Coroando-a colocamos todas as nossas dúvidas rotineiras de lado e passamos a viver confiando plenamente em Deus e confiando na Divina Providência, para assim nos lançarmos nas mãos de Deus.

O mundo atual, está clamando por personalidades fortes que saibam conduzir a sociedade para um caminho do amor e da verdade. Cabe a nós, seguindo nossa Rainha através da Aliança de Amor, nos colocar em prontidão para viver o espírito da Filialidade Heróica, assumindo o firme propósito do 31 de maio.

Entendendo a Filialidade Heróica, podemos compreender que a Coroação da Rainha da Filialidade Heróica, nada mais é do que a coroação e entrega da missão de cada schoenstattiano nas mãos da divina Providência. Em nosso Ideal Nacional, encontramos a Filialidade na expressão “lírio do Pai” , pois desta forma estamos nos chamando de filhas de Deus, portanto somos convidadas a vivermos como suas filhas prediletas e heróicas no radicalismo do Ver Sacrum!

**“Mãe tudo pela missão, envia-me!”
Envia-nos para este grau do amor heróico!**

7ª REUNIÃO

“O Tabor para a Jufem”

No contexto do 1º Marco histórico, aparece pela primeira vez a idéia do Tabor, no Documento de Fundação, em 18/10/1914, quando nosso Pai e Fundador revela sua “idéia predileta” , de fazer do Santuário um Tabor das glórias de Maria.

‘Se, porém, quiserdes saber o autor deste desejo, posso revelar-vos a idéia predileta que acalento em meu interior. Ao contemplar as magnificências (glórias) divinas no monte Tabor, Pedro exclamou encantado: ‘Aqui é bom estar! Façamos três tendas. ’ (Mc 9,5). Estas palavras sempre me voltam à memória e freqüentes vezes me perguntei: Não seria possível que a capelinha de nossa Congregação se tornasse nosso Tabor, no qual se manifestem as magnificências de Maria? Sem dúvida, maior ação apostólica não podemos realizar, herança mais preciosa não podemos legar aos nossos sucessores do que mover nossa Senhora e Rainha a estabelecer aqui, de modo especial, o seu trono, distribuir seus tesouros e realizar milagres da graça.’

Tabor Histórico

Em Dachau, nosso Pai e Fundador escreve alguns textos importantes que falam sobre o Tabor: o Hino da Minha Terra e o Ofício de Schoenstatt. Vivendo os horrores de Dachau, ele contempla sempre, em seus pensamentos, a terra de seus sonhos, sua Família de Schoenstatt.

Em 1947, ele faz sua primeira visita ao Brasil, comenta muito sobre o Hino da Minha Terra e fala do Tabor. Encontra-se com a alma brasileira e percebe que esta é receptiva a este Ideal, pois no Tabor Bíblico revela-se a filialidade, o Pai se revela e da nuvem ecoa uma voz: “Este é meu Filho, o Eleito;ouvi-o!” (Lc 9- 28,36)

No contexto desta visita, ele pensa em uma Assistência Trinitária, entre as três Províncias latino-americanas das Irmãs: o Brasil com o Ideal Tabor, fica responsável pela vinculação a Cristo, o Chile com o Ideal Cenáculo tem a vinculação ao Espírito Santo e a Argentina como Ideal Nazaré garantindo a vinculação ao Pai.

Em 20/4/47 proclama o Tabor como ideal da Província das Irmãs de Maria no Brasil. Nosso Pai e Fundador chegou ao Brasil, trazendo em seu coração os altos ideais

de Schoenstatt, que descreveu no Hino da Minha Terra, quando ainda se encontrava no Campo de Concentração de Dachau.

Ir. M. Norberta conta:

O Hino da Minha Terra sempre esteve no centro de nossos ideais e especialmente o refrão: “Sim, eu conheço esta terra maravilhosa, é o prado do sol no brilho do Tabor...” . Conta também sobre o diálogo com Ir. M. Emanuele em Santa Maria: “Surgiu a idéia do Tabor! Falamos várias vezes sobre isto e concluímos: Achamos que o Tabor deve ser o nosso ideal. Sim, a Mãe deve fazer tudo, ela deve glorificar-se em nossa Província! Então queremos ser um Tabor, onde se manifestam as glórias de Maria” .

Ao falar com o Pai e Fundador a respeito das idéias sobre o Tabor, ele alegrou-se com esta idéia maravilhosa e, com mais força e entusiasmo ainda, continuou a anunciar os grandes ideais representados no Hino da Minha Terra.

Chegando em Londrina, em 12 de abril de 1947, nosso Pai e Fundador leva em seu coração a vivência de Tabor que já experimentou junto a seus filhos, e manifesta esta realidade com as palavras da Sagrada Escritura: “É bom estarmos aqui” ! (MT 17,4)

Em sua conferência de 21 de abril, nosso Pai e Fundador destaca dois grandes acontecimentos ocorridos no dia anterior: a entronização solene da Mãe e Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt na Catedral de Londrina e a decisão para o Ideal Tabor. Ele nos chama a atenção para a grande tarefa da Mãe de Deus dizendo: *“A Mãe de Deus quer revelar aqui suas glórias. Sua glória consiste em fazer com que Cristo possa subir novamente ao trono”* .

A Mãe de Deus nos escolheu como instrumentos para realizar esta missão. Pe. Kentenich chama-nos a atenção para o “Nada sem nós” e que devemos assegurar todos os princípios da santidade e colaborar para a renovação do mundo.

Tabor é a missão que o Fundador confia a cada uma de nós. Alegra-nos e orgulha-nos, como filhas Tabor, que, passados muitos anos, em 31 de maio de 1967, nosso Pai e Fundador confirma, mais uma vez, o Ideal Tabor para o Brasil. Ele, por assim dizer, põe um selo de ouro sobre o Tabor, ao dirigir sua última mensagem ao Schoenstatt brasileiro, por ocasião do lançamento da Pedra Fundamental do Santuário na Vila Mariana em São Paulo:

“Quanto estou informado pessoalmente sobre as circunstâncias do Brasil, o mundo brasileiro está à espera da Mãe de Deus como a Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt, para a conquista deste país para o bom Deus, para o Deus Trino. Aprenderemos sempre mais a mobilizar nossas forças e a comprovar-nos de tal maneira, que possamos chamar a atenção do grande público sobre nós, a fim de que a palavra e o pedido não somente se repita, mas também se realize:

Clarifica te, clarifica me (resplandece),

Clarifica familiam nostram, (nossa Família)

Clarifica totum orbem terrarum! (Todo orbe da terra)

Mãe de Deus, abençoa o Brasil!

O Brasil, o mundo todo, um Tabor de nossa Mãe de Schoenstatt!

Cuidaremos que não somente nossa pequena Família, mas o Brasil todo, sim, grande parte do mundo, até podemos crer que o mundo inteiro, um dia, se tornará o Tabor de nossa Mãe e Rainha de Schoenstatt” .

Podemos comparar-nos a este bloco de pedra fundamental no qual pode ser esculpida uma imagem, não de um anjo, mas a imagem de Cristo e de Maria.

Lírio do Pai, Tabor para o Mundo!

Tabor: lugar onde é bom estar! É lá que o Pai nos revela que somos suas filhas muito amadas. O ideal Tabor é uma herança e incumbência de nosso Pai e Fundador.

Tabor é ser lugar de acolhimento, onde é bom estar, é irradiar Deus às pessoas com as quais convivemos e ser um sinal de luz ao mundo. E uma das primeiras características para ser Tabor é o amor do Pai pelo Filho: “este é meu Filho muito amado!” . Isto também podemos atribuir a cada uma de nós e ouvir o Pai dizer-nos: *“Esta é minha filha muito amada!”* A partir do momento em que nos sentimos amadas, irradiamos o Tabor de maneira heróica, pois o amor torna fácil o que é difícil.

Mas também é uma filha heróica e transfigurada como o Cristo no Tabor! O heroísmo manifesta-se nos pequenos atos de nossa vida de jufem, naqueles momentos em que tudo e todos estão “na correnteza” e eu preciso nada contra, impondo meus princípios, minhas aspirações! É o minuto heróico!

A filha transfigurada revela-se quando vivemos este heroísmo e ao mesmo tempo somos este lugar de abrigo e acolhimento. Ali irradiamos os traços da RTA, ali irradiamos o divino que vive em nós. É a pequena Maria que falamos tantas vezes! No

Tabor os discípulos olhavam, mas não viam apenas seu Mestre, mas sim viam-no em sua plena divindade, o próprio Deus; e em nós, o que devemos irradiar quando nos olham? Schoenstatt! Este deve ser o traço de nossa transfiguração como filhas do Tabor.

Quando Deus começou a revelar o “Tabor da Jufem” ?

No ano de 1992 aconteceu um Congresso da Jufem na Argentina para celebrar os 50 anos do 2º Marco Histórico de Schoenstatt: o 20 de janeiro de 1942.

Neste Congresso, nasceu o anseio por um **rostro nacional da Juventude Feminina** de Schoenstatt. Na crônica do Encontro Nacional de Dirigentes de 1993, chamado de “Capítulo” , lemos:

“Na verdade, tudo começou no Jubileu de Ouro do 20 de janeiro, quando as jovens representantes do Brasil fizeram um compromisso com o Pai e Fundador, no sentido de diminuir as diferenças existentes entre os regionais norte e sul” .

Este anseio sempre norteou as gerações passadas dentro do Ramo, pois num país continental como o nosso, a unificação de atividades e até de ideais, sempre foi uma dificuldade muito grande. Inclusive esta situação levou a organização do Congresso da Juventude Latino-americana separar as atividades do Brasil em dois momentos diferentes. Isto causava certo incômodo às jovens brasileiras e por isso, do Santuário do Pai, em Florêncio Varela, assumiram um novo tempo para a Juventude Feminina do Brasil.

“Brasil, Jovens Unidas Portadoras do Tabor! Assumimos Pai, a missão e sua promessa de formarmos um único campo de lírios. Norte e Sul, coroa viva para ti!” Amém.

Voltando para o Brasil, agraciadas com os dons recebidos no Jubileu, algumas jovens começaram a se mobilizar no sentido de concretizar este compromisso. E assim como registraram as cartas, os locais foram recebendo motivação e informações de jovens e assessoras para realizar um encontro nacional, com o objetivo de unir o imenso Brasil Tabor e correr em busca de uma **identidade nacional**. Esta, apesar das distâncias

e das diferentes realidades culturais, devia formar uma única mulher brasileira, à luz dos ideais cristãos e sob o olhar protetor de nossa Mãe e Rainha.

O grupo que participou da descoberta do Ideal tinha a incumbência de transmitir a toda a juventude, o ardor por ele, através de seu testemunho de vida. Se elas tivessem fracassado, hoje não arderíamos e nem viveríamos essa herança.

No ideal nacional da Jufem foi utilizada a expressão do Tabor, que nos foi presenteada pelo Pai e Fundador como sua idéia predileta. Somos portadoras dessa idéia!

Em 2007 comemoramos 60 anos da definição do Ideal Nacional. Para nós Jufem, isto deve ser motivo de muito "orgulho" , porque nenhum outro Ramo de nossa Obra no Brasil traz como Ideal o "ser Tabor" .

No "Tabor para o Mundo" encontramos nossa forma de apostolado.

Para Deus e diante de Deus queremos ser Lírio do Pai. É a Deus que pertencemos. Para nós, a palavra "lírio" é sinônimo de filha amada, heróica e transfigurada.

Para o mundo e para as pessoas queremos "ser Tabor" . Para que nosso apostolado seja fecundo precisamos nos assemelhar à Mãe de Deus.

Ela é nosso modelo de ser Tabor para o mundo. Como nós vemos sua imagem no Tabor?

Assim como Cristo aparece transfigurado no Monte Tabor, com o rosto resplandecente como o sol e as vestes alvas como a luz (Mt 17,2) também a imagem de Maria no Tabor é revestida de Sol, pois Ela participa da transfiguração do Filho, na glória do céu. O brilho, a glória, o esplendor do Tabor de Maria, consiste no surgimento da Mulher de Sol.

"Mulher revestida de Sol! Esta imagem acerta justamente naquilo que esperamos da Mãe de Deus: sermos plenos de Cristo. Pois o Sol é Cristo e a Mãe de Deus é toda mergulhada em Cristo. Esta será a nossa tarefa... Ela deverá irradiar de modo especial, a imagem de Cristo em nós." (Pe. José Kentenich)

Completando esta imagem podemos meditar na passagem bíblica:

"Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas." (Apocalipse 12,1)

Nesta passagem vemos como a Mãe de Deus se clarificou. Ela é o grande Sinal no céu de nosso tempo. E como se apresenta esse Grande Sinal?

- Revestida de Sol
- A lua debaixo dos pés
- Uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça

E como nós podemos ser pequenos sinais para o mundo de hoje?

Sendo filhas revestidas do Sol

Esse Sol é Cristo que nos escolhe como sua habitação. Ele opera em todas as almas em estado de graça santificante, fazendo de nós uma pequena Igreja da Santíssima Trindade. Deus Trino mora em mim; de toda minha personalidade se irradia o Sol. Esse é um sinal de vida interior, devemos vencer o homem das trevas. O filho do Sol é sempre alegre, dele surge sempre alegria, mesmo quando não estamos muito bem, ou quando não estamos de bom humor.

Devemos sempre proporcionar à nossa Mãe, a alegria de contemplar suas filhas em estado de graça, como filhas do Sol.

Com a lua debaixo dos pés

A lua, por ter fases, é símbolo da inconstância. Tendo a lua sob os pés a Mãe de Deus nos ensina a dominar tudo o que é terreno, como coisas passageiras. É um aspecto de vida exterior. Devemos lutar contra as coisas que escravizam e ter tudo que é passageiro debaixo dos pés.

Não devemos nos deixar escravizar pela moda, pelo corpo, nem pelo dinheiro e bens materiais. Também é importante aprendermos a dominar a nossa inconstância de ânimo e de sentimentos. Como mulheres (especialmente na adolescência e juventude), temos a forte tendência de num dia estarmos de bem com a vida, já no outro estamos emburradas, no outro tristes, ou bravas com todo o mundo... Mas uma mulher de sol, que deseja ter a lua sob os pés, também precisa se esforçar, precisa querer aprender a dominar essas más disposições, se esforçar para ser equilibrada, harmoniosa e lutar para não demonstrar tudo o que se passa em seu coração. "O coração nos pertence, mas o rosto é dos outros!" Essa tarefa é bem difícil e requer muita auto-educação e força de vontade. Mas a Mãe de Deus é nossa educadora e nos ajuda a vencermos esse pequeno Dachau do nosso dia-a-dia.

Sendo filhas das estrelas

Estrelas para nós, aqui, quer dizer virtudes.

Ter estrelas sobre a cabeça significa possuir a fé, a esperança e o amor, o que chamamos de virtudes teologais. A Mãe de Deus as corporificou de modo pleno. Desse modo, também queremos conquistar as virtudes. Mas por qual delas começar? Para nós, Juventude Feminina de Schoenstatt, as virtudes mais importantes são sem dúvida: a pureza e a alegria! Mas sabemos que a fonte, a “mãe” de todas as virtudes é o AMOR.

“Quem ama cumpriu a lei” , diz São João. Quando em nosso coração arde um grande amor a Deus, à Mãe, a Schoenstatt e ao próximo, somos impulsionadas a viver com nobreza e dignidade todos os outros valores. “O amor de Cristo nos impulsiona!” Por isso, o amor é a grande virtude que cantamos no Hino de Minha Terra, que é o Hino também do Tabor!

É este o mundo em que vivemos. Somos Tabor, escolhemos ser Tabor! Que posição tomamos nós? Onde estamos? Cremos sinceramente que a Mãe de Deus, como Mãe, Rainha e Vencedora, Três Vezes Admirável de Schoenstatt convocou as filhas de Schoenstatt para serem um exército de elite? Nosso desejo é ser para a Mãe um terreno aberto, onde Ela possa se glorificar; ser o Tabor da Mãe de Deus e assim, através de nós, Ela e Cristo sejam revelados para o Mundo! Cumpriremos assim nosso Apostolado Mundial!

“Tudo pela missão, Mãe, envia-me!” Rumo ao Tabor!